

Testemunha-chave da acusação já está no Acre

FRASES

"Todo seringueiro nasce meio ecologista."
(Chico Mendes, "Jornal da Tarde", 24.12.1988)

"Os irmãos Darly Alves e Alvarino Alves ameaçam me matar. Dizem que só se entregariam à Justiça após verem o meu cadáver."
("Jornal do Brasil", 25.12.1988)

"Tenho consciência de que todas as lideranças populares, nesses últimos dez anos —advogados, padres, líderes sindicais— todos eles foram mortos."
(Idem)

"Rondônia foi a maior vítima de todos esses projetos de desenvolvimento. Terras férteis transformadas em pastos, mata queimada, seringueiros expulsos."
(Idem)

"Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas a experiência ensina o contrário. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia."
(Idem)

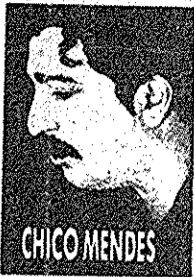
"Quero que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços sob proteção da PF-AC, que de 1975 para cá mataram mais de 50 pessoas como eu."
("Jornal da Tarde", 26.12.1988)



Ventura e Genésio Ferreira no voo que os levou para Rio Branco

LEÃO SERVA*

Enviado especial a Xapuri



A testemunha-chave do processo contra os acusados da morte do líder seringueiro Chico Mendes já está em Rio Branco (AC). O adolescente Genésio Ferreira da Silva viajou do Rio de Janeiro no voo 484 da Varig, que chegou à capital do Acre às 13h.

Guardado a sete chaves pelo jornalista carioca Zuenir Ventura, o garoto viajou incógnito, quieto e boa parte do tempo no pouco encolhido em sua cadeira de janela no centro do avião boeing 737. Está mais alto, é mulato, com cabelos acajuados. Suas feições —são de um adolescente— contrastam com a imagem de menino que tinha nas fotos tiradas há quase dois anos, quando de seu primeiro depoimento à polícia, em janeiro de 1989.

Autor de revelações que comprometem Darly Alves da Silva como mandante do assassinato de Francisco Alves Mendes Filho, o garoto foi criado na fazenda Paraná, do próprio homem que acusa. Era criado pela família do acusado. Sua irmã é nora de Darly. E o velho réu, segundo os depoimentos do menino à polícia, queria que ele fosse um matador. "Eu vou te fazer um homem de verdade", ele conta ter ouvido de Darly.

Pois esse menino de feições calmas e doces até, disse à Justiça que seu antigo protetor tramou, em casa, o crime da noite de 22 de dezembro de 1988, quando um tiro de escopeta espalhou pelo corpo de Chico Mendes, então com 41 anos, cerca de 60 pedaços

de chumbo, que mataram em poucos minutos o líder sindical e ecologista de fama mundial.

O menino é a principal arma da acusação (promotória) para incriminar Darly como mandante no crime. Diz ele que o fazendeiro teria determinado ao filho Darci que cometesse o crime. Darci também será julgado, ao lado do pai, nesta quarta-feira na apertada sala do júri do fórum de Xapuri (180 km a sudoeste de Rio Branco). Darci chegou a ser juiz confesso. Entregou-se à polícia poucos dias depois do crime, dizendo-se autor dos disparos. Suas descrições da cena são precisas e têm grande amparo nos dados obtidos pela polícia técnica. No entanto, algum tempo depois, ele passou a dizer que tudo não passava de uma fantasia. E hoje se diz inocente, tese que será defendida pelos seus advogados a partir da manhã da próxima quarta-feira.

Segundo os três depoimentos de Genésio à polícia, Darly teria instado o filho Olocyr, também preso, condenado em outro processo, a matar Chico Mendes, a quem atribuía a perda de muitos hectares de terra de um seringa que Chico impedia que fosse queimado (Darly, depois de comprar as terras, queria transformá-las em pasto). O rapaz se negou. O pai teria então determinado que outro filho, Darci, consumasse o ato. Ele hesitava, sempre segundo Genésio. O pai teria dito: "Você não honra as calças de homem que veste". O que teria forçado Darci ao crime.

Darly diz que o menino mente. Tem sempre reagido com grande fúria contra as declarações que diz serem fantasiosas.

Genésio chegou calado ao Acre. Não fala nada à imprensa. Ventura diz que por determinação do juiz Longuini, de Xapuri,

Desde meados de 1989 ele está fora do Estado natal. Vive escondido por Ventura, primeiro em sua casa no Rio, depois em casas de outras pessoas entre o interior de Minas e São Paulo. Poucos souberam de seu paradeiro nesse tempo (leia texto nesta página). O garoto é jurado de morte. Como a Justiça, a Polícia Militar e o Exército no Acre não asseguravam sua segurança o juiz deu a sua guarda a Ventura. O jornalista, repórter especial do "Jornal do Brasil", do Rio, vive a incômoda situação de ser partícipe do processo e repórter incumbido de sua cobertura.

O julgamento dos acusados da morte de Chico Mendes começa na manhã de quarta-feira na sede do fórum da pequena Xapuri. O grande show internacional já está armado na cidade. Por isso, Genésio permanece em Rio Branco até amanhã, pelo menos.

Os réus Alves da Silva, pai e filho, devem ir de avião para Xapuri somente na quarta-feira. Um terceiro réu, Jandier Pereira, empregado da fazenda de Darly, está desaparecido desde a morte de Chico Mendes. Por isso, como não se pode julgar em júri popular um réu ausente, ele não terá seu destino decidido nesta quarta-feira. A Justiça espera seu aparecimento. Por pelo menos 20 anos, quando o crime prescreve.

No mesmo voo viajava também o advogado que auxilia a acusação, Márcio Thomaz Bastos, ex-presidente da OAB. Bastos não notou a presença do menino até que o fotógrafo da Folha se aproximasse dele. Nesse momento, disse que não gostaria de ter contatos com Genésio, para não haver suspeitas de influência sobre seu depoimento.

* Colaborou LUIS FRANCISCO CARVALHO FILHO, enviado especial a Xapuri.

Chuvas na região dificultam acesso de carro a Xapuri

Dos enviados especiais

A situação meteorológica no Acre continua dificultando a chegada de pessoas para acompanhar o julgamento dos acusados da morte de Chico Mendes, em Xapuri (AC). O clima ontem permaneceu chuvoso —chuva leve—, com o céu encoberto pelas nuvens. A temperatura em Rio Branco, a capital do Estado, estava em torno de 26 graus centígrados.

Na semana passada, as fortes chuvas ocorridas na região provocaram deslizamentos e formação de buracos na estrada que liga Rio Branco a Xapuri. Isso dificultou a circulação de veículos.

Garoto morou 7 anos na fazenda do acusado

EMANUEL NERI

Enviado especial a Xapuri

Calça jeans azul e camiseta amarela, Genésio Ferreira da Silva, 15, a testemunha de acusação mais importante no julgamento do assassinato de Chico Mendes, demonstrava tranquilidade na viagem que fez ontem entre o Rio de Janeiro e Rio Branco (AC). Genésio viajou ao lado do jornalista Zuenir Ventura, que tem a sua guarda desde que ele passou a ser ameaçado de morte. Ao desembarcar em Rio Branco, às 13h local (16h de Brasília), ele foi cercado por segurança do Sindicato dos Seringueiros de Xapuri e por agentes da Polícia Federal.

Por motivos de segurança, não

foi revelado o local em que Genésio ficará em Rio Branco. Genésio morou dos sete aos 14 anos na fazenda Paraná, de Darly Alves da Silva. Com a morte de Chico Mendes, a vida de Genésio mudou radicalmente. No início, prestou três depoimentos no inquérito que apura as responsabilidades pela morte do sindicalista. Além de apontar Darly e seu irmão Alvarino como mandantes do crime, Genésio revelou que outros dez crimes foram praticados na Fazenda Paraná.

Ao depor, Genésio afirmou que, depois de planejar a morte de Chico Mendes, Darly escolheu um de seus filhos, Darci e um de seus empregados, Jadeir (também conhecido por Antonio), para

executar o crime. A coragem de Genésio resultou na perseguição pela família Alves da Silva.

Ameaçado de morte, o garoto, teve inicialmente a proteção da igreja e do Sindicato dos Seringueiros de Xapuri. Depois, passou a morar em um quartel da polícia, em Rio Branco. Apesar disso, ele continuava correndo riscos de ser assassinado. Foi a partir daí que Zuenir Ventura conseguiu a autorização das autoridades do Acre para criá-lo.

Genésio chegou à casa de Ventura, que trabalha no "Jornal do Brasil" e tinha sido um dos primeiros jornalistas a entrevistá-lo, em junho do ano passado. Em março deste ano, foi transfe-

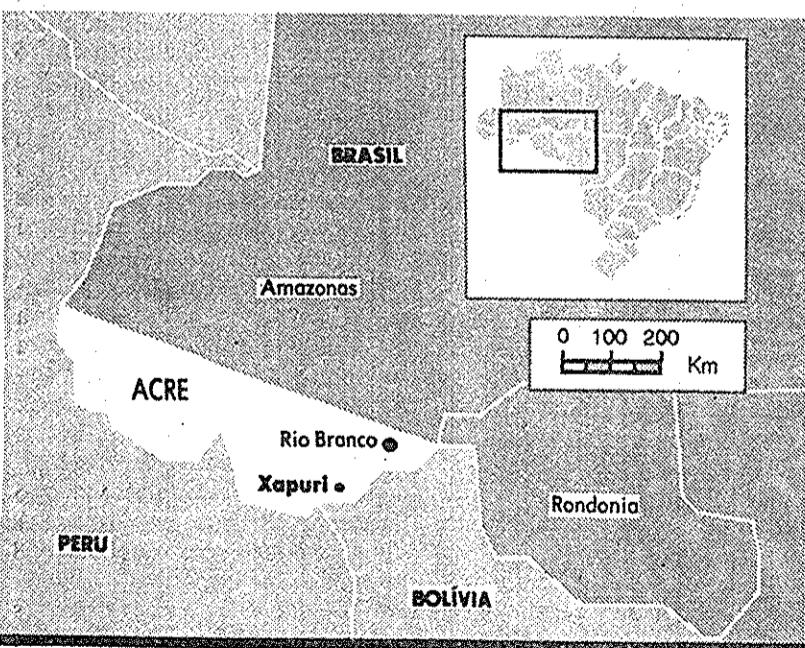
rido para um colégio no interior de Minas. Ventura não revela onde é o colégio. Após o julgamento, Genésio pode morar no exterior. Entidades ecológicas o convidam a morar na Europa.

Uma das irmãs de Genésio, Natalia, é casada com Olocyr, outro filho de Darly que está cumprindo pena de 12 anos de prisão. Os advogados de acusação temem que a defesa tente intimidar Genésio durante seu depoimento. Aham que uma das armas pode ser a utilização de declarações de Natalia, para tentar desestabilizá-lo emocionalmente. Mas Genésio tem demonstrado segurança. Na fase dos depoimentos foi o único a manter o seu integralmente. Ao deixar o Acre, Genésio cursava o segundo

ano primário. Mas no colégio que estudou este ano ele passou a frequentar a quarta série.

A pedido de Ventura, Genésio evitou dar entrevistas durante o voo. Teme-se que isso possa prejudicar seu depoimento, durante o julgamento. Uma frase atribuída a ele, porém, foi publicada ontem no "JB": "Se não tivesse acontecido a morte do Chico, eu era na certa um pistoleiro. Deus me tirou dessa fase". A chegar ao Rio para morar com Ventura, Genésio nunca tinha visto o mar. Ficou assustado quando foi levado à praia pela primeira vez. Além de Natalia, Genésio tem mais nove irmãos. Seu pai morreu e sua mãe mora em Brasília (AC). Seus familiares também foram ameaçados de morte.

ONDE FICA XAPURI



PARA ENTENDER O CASO

17 de novembro de 1988

O líder sindical e ecologista Chico Mendes denunciou ao juiz da comarca de Xapuri (AC) que Darly e Alvarino Alves da Silva o seguíam e "irromperiam" seu assassinato. Ele percebeu a presença dos dois a partir da tarde de 27 de setembro. No dia anterior, a Polícia Federal do Acre havia recebido carta precatória originária de Umuarama (PR) pedindo a prisão preventiva de Darly e Alvarino

medalha de proteção ao meio ambiente, é assassinado às 18h30 em sua casa, em Xapuri, com um tiro de escopeta calibre 12 no lado direito do peito

27 de dezembro de 1988

Darly Alves da Silva, filho de Darly, se entrega ao então secretário de Segurança do Acre, Carlos Castelo Branco, e confessa ter matado Chico Mendes

7 de janeiro de 1989

Darly se entrega à Polícia Federal, mas se diz inocente

12 de dezembro de 1990

Marcado o início do julgamento de Darly e Darci Alves da Silva, em Xapuri

22 de dezembro de 1988

Chico Mendes, que recebeu o Prêmio Global 500 da ONU, como um dos mais importantes defensores da natureza em 1987, e foi condecorado pela Sociedade por um Mundo Melhor, em Nova York, com a

FERNANDO GABEIRA

Da Sucursal do Rio

No momento em que começa o júri dos matadores de Chico Mendes, é lançada, nos Estados Unidos, uma nova marca de biscoito, cuja venda destina fundos para a salvação da floresta amazônica. Os dois episódios são elos da longa história econômica da região. Assim como podem fazer parte do mito que sempre dominou a Amazônia: o Eldorado.

Para entender melhor o julgamento, pode-se deixar de lado, momentaneamente, o ouro e o biscoito engajado, para se concentrar na árvore que jorra leite, a seringueira. No seu tronco se enreda a trama dessa história.

Chico Mendes era um seringueiro que queria preservar as "colocações", onde se colhe o látex, e os fazendeiros acusados de matá-lo, criadores de gado querendo lucros rápidos. Projetado muitos anos atrás, o seringueiro e seu patrão chegaram ao Acre no meio do século 19.

Era um momento especial na história porque Charles Goodyear havia acabado de descobrir um processo que estabilizava a borracha e abria o caminho para sua exploração industrial. A vulcanização, nome do processo, precipitava tudo. E havia ainda um fator importante: a crise da exploração escravocrata no Ceará liberou milhares de braços.

Os nordestinos invadiram o Acre em busca da borracha. A exploração era dirigida por um seringaista, apoiado por casas comerciais. A mão-de-obra eram os seringueiros. Patrão e empre-

gados fixavam-se na margem do rio. Os seringueiros tinham uma barraca, o patrão, um barracão.

Depois de 1912, o surgimento dos seringais de cultivo na Malásia contribuiu para enfraquecer os seringalistas. Os seringueiros ficaram numa situação pior ainda: tinham de comprar mercadorias vendidas pelo barracão e jamais conseguiam pagar suas contas, artificialmente inflacionadas. Quando a situação piorava e se precisava de nova mão-de-obra, às vezes sobrava para os índios.

Na 2ª Guerra Mundial foi preciso muita borracha e o negócio esquentou de novo. Havia seca e crise econômica no Nordeste. Cerca de 50 mil soldados da borracha foram trazidos para a região. Começa aí uma nova etapa, que se encerra com a morte de Chico Mendes.

Os seringalistas passaram a ser financiados pelos bancos. O rádio estava começando a se tornar um instrumento vital na cultura do Acre. Chico Mendes ouvia as emissoras estrangeiras e se atualizava com o que se passava no mundo. Um exilado político que fugiu para a Bolívia e depois desceu para o Acre, contribuiu para que Chico se politizasse.

A reaquecida da guerra terminou. Os seringueiros estavam de novo arruinados e eram confrontados com seus substitutos: os fazendeiros do sul, estimulados pelos incentivos fiscais oferecidos pelo regime militar. Os seringais começam a mudar de mão. Entre os recém-chegados estava Darly Alves. Fugia da polícia por ter matado um homem.

Esse novo grupo dedicava-se à criação de gado. Denis Mahar



Chico Mendes discursa durante encontro de mulheres em Xapuri

mostra, num livro publicado pelo Banco Mundial, que a maioria dos projetos de criação de gado na Amazônia era antieconômica. Em muitos casos, eram apenas uma armadilha para obter recursos e jamais se concretizavam.

Chico Mendes, já conhecido como líder, percebeu que os seringueiros iriam perder seu trabalho, a floresta seria destruída e que era preciso formular uma alternativa econômica para a exploração da borracha. Foi aí que surgiu a proposta das reservas extrativistas, onde, em forma de cooperativa, os seringueiros tentariam soerguer os seringais.

Depois disso veio o período da moto-serra e atrás delas os jagunços e pistoleiros que contribuíam

para reforçar os argumentos dos fazendeiros. A borracha em decadência seria substituída pela criação de gado, em agonia.

Desde o princípio dessa briga, o mundo exterior desempenhou um grande papel. Mas quando foi integrada nas apreensões de uma humanidade tem a respeito da destruição do planeta, o encontro dos seringueiros e fazendeiros ganhou nova dimensão. A árvore que jorra leite passou a jorrar tinta de jornal. Do látex ao biscoito engajado, a história deu um salto e seus atores, ofuscados pelas câmeras de TV do mundo todo, não tiveram tempo de se dar conta. O que dá uma dimensão trágica ao júri de Xapuri.